

# NOAS LITETÁRIAS

## VI



*Para admirar esta...*

*e outras obras.*

Apreciação de leitura

Brasília, DF

—

set/2018

*Leio romances, porque por eles conheço  
o mundo, o homem, as nações, os povos  
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

## *Trem Noturno para Lisboa*

Pascal Mercier\*

Um dia, Gregorius, suíço, faz radical corte em sua vida. Abandona tudo e, carregando o livro de um português, Amadeu do Prado\*\*, que casualmente lhe chegou às mãos, sobe num trem e segue para Lisboa. A leitura do livro revela-lhe um homem enigmático, preocupado com questões existenciais: solidão, morte, amizade, lealdade, melancolia, saudade.

### ELEMENTOS NARRATIVOS:

Protagonista: Raimund Gregorius, professor de Línguas Clássicas;

Espaço: Locais principais, Berna e Lisboa;

Época: início do século XXI;

Livro dentro do livro: *Amadeu Inácio de Almeida Prado, um ourives das palavras*;

Itinerário: Berna, Lausanne, Genebra, Paris, Bordeus, Biarritz, Hendaye, Irún, Valladolid, Salamanca, Lisboa.

Em Portugal: Lisboa, Coimbra.

Na Espanha: Finisterra, Salamanca.

Na medida em que se vai tendo conhecimento do mundo, passado e presente, de Gregorius, toma-se conhecimento dos escritos filosóficos de Amadeu do Prado, enquanto ele, Gregórus, vai lendo as páginas do que seria um livro dentro do livro.

Em Lisboa, sabendo que Amadeu já estava morto, passa a localizar pessoas que com ele conviveram e, assim, vai montando o perfil do que teria sido a figura do médico-filósofo.

Amadeu do Prado tinha consultório em Lisboa, atendia a todos, não cobrava de quem não podia pagar. Tinha espírito rebelde diante de problemas sociais e políticos, vivendo, no entanto, grande parte de sua vida sem se envolver com a ditadura de Salazar, até que as circunstâncias o colocaram na necessidade de socorrer um alto dirigente da PIDE. Diante deste fato, seus clientes, que antes o endeusavam, passaram a estigmatizá-lo e o abandonaram. A partir daqui aliou-se à resistência que lutava contra o regime. Morreu de repente, na Rua Augusta, de aneurisma.

Amadeu do Prado, que não suportava hipocrisias, repele o jugo de sistemas que se arvoram detentoras de verdades absolutas; insurge-se contra qualquer opressão violentadora da dignidade humana, seja dos homens (Salazar), seja das religiões (*REVERÊNCIA E AVERSÃO PERANTE A PALAVRA DE DEUS*, p. 178).

“Um ourives das palavras”: O que faz um ourives? Trabalha o ouro até obter determinado efeito, Assim Amadeu trabalhava as palavras.

“Trabalhar as palavras”: esta ideia leva-nos a Fernando Pessoa, que, observa-se na obra, o autor conhecia bem (veja-se: epígrafe, referências a *O Livro do Desassossego*, e a Pessoa, ele mesmo, pp. 79 e 270/71)

\* Pascal Mercier, pseudônimo de Peter Bieri, suíço, professor de Filosofia; \*\* *Amadeu Inácio de Almeida Prado, um ourives das palavras*, Lisboa, 1975, p. 24.

(MERCIER, Pascal. *Trem Noturno para Lisboa*. Trad. de Kristina Michahellis, Rio de Janeiro, Record, 2010).

## *Equador*

Miguel Sousa Tavares

Romance que tem por cenário as ilhas de São Tomé e Príncipe.

Época: início do século XX.

Trata-se de obra de ficção de mistura com aspectos reais da colonização portuguesa. D. Carlos, o rei, chama Luís Bernardo Valença (1906), para assumir o governo de São Tomé e Príncipe, com a missão de fazer evoluir nas ilhas a relação de trabalho entre os administradores das roças e os serviçais aliciados em Angola, eliminando suspeitas de trabalho escravo.

São Tomé produzia café e principalmente cacau, produtos disputados no mercado pela sua qualidade.

A Inglaterra, com o pretexto de que nas ilhas se praticava ainda trabalho escravo e fazendo-se porta-voz de razões humanitárias, faz pressão sobre o governo português. Sentiam-se ameaças veladas de se chegar à expulsão dos portugueses com anexação das ilhas ao império britânico.

No fundo, as alegadas razões humanitárias escondiam, como sempre acontecia, interesses mais imediatos: eliminar a concorrência do cacau ali produzido com o cacau produzido em outras regiões de seu império.

Historicamente é o que fazia atuar o Império: razões econômico-financeiras.

*“Não é mão-de-obra escrava! Mas entre isso e a hipocrisia humanística dos ingleses, que apenas estão preocupados com a concorrência comercial com as suas*

*próprias colônias, (...), há uma grande diferença”* (do ministro para o governador), p. 457.

O trabalho escravo, camuflado, que se praticava nas ilhas, constatado pelo jovem governador, e que as boas consciências em Portugal, como a dele, condenavam, não seria melhor nem pior do que o que se praticava em partes do próprio império britânico. Leia-se *Mar de Papoulas*, de Amitav Ghosh (trad. de Cássio de Arantes Leite, Rio de Janeiro, Objetiva, 2011), ou *O Sonho do Celta*, de Mario Vargas Llosa (trad. de Paulina W. e Ari Roitman, Rio de Janeiro, Objetiva, 2011).

A segregação que se estende até quase o final do século XX, em regiões que fazem ou que já fizeram parte do Império, era característica da colonização inglesa. Mas o Império, naquele tempo, detinha a razão da força, daí a facilidade de empunhar a bandeira humanitária.

Na obra, o governador Luís Bernardo Valença fracassa em sua missão, porque os administradores das grandes roças, incapazes de enxergar o que estava para além de lucros imediatos, não lhe dão ouvidos e até o hostilizam.

A situação acabou por ficar insustentável, e o jovem governador, assediado por problemas morais e políticos, saiu-se pelo suicídio. Dias antes, por coincidência, havia acontecido em Lisboa o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe Luís Filipe\*.

As grandes firmas inglesas importadoras acabaram por decretar oficialmente o boicote às importações provenientes da colônia portuguesa.

\* A corte voltava de Vila Viçosa, sofrendo o atentado no Terreiro do Paço em 1 de fevereiro de 1908.

(TAVARES, Miguel Sousa. *Equador*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004)

## *Maio, Mês de Maria*

Boaventura Cardoso

Obra de autor angolano. Reconstrói o percurso da vida de João Segunda, comerciante bem situado, social e financeiramente, em Dala Kaxibo desde antes da independência. João Segunda tem boa formação cultural, fala bem o português e cultiva a literatura portuguesa.

Abandona Dala Kaxibo e transfere-se com a família e haveres para Luanda, porque sabe que devastador furacão se aproxima. Cães misteriosos atacam. Furacão e cães – referência metafórica à guerra tribal e desagregadora após a independência.

*“O que é que o actual regime me deu? Nada. Eu que no tempo do tuga já era um grande senhor, o que sou agora? Estou aqui é a perder tempo e dinheiro. Se eu soubesse no que isso ia dar, tinha ido para a Metrópole. Antes da independência éramos todos irmãos, todos portugueses apesar de sermos brancos, pretos e mulatos, hoje já estamos divididos”* p. 44.

Em Luanda, um filho de Kaxibo e outros jovens da comunidade desaparecem. Eram arrebanhados pelas facções em litígio (pelos cães).

É curiosa a construção da linguagem em que se nota saborosa mistura da oralidade tradicional da língua portuguesa com a das línguas locais.

“Um romance de choque de mentalidade e modos de vida” (prefácio de Luandino Vieira).

(CARDOSO, Boaventura. *Maior, Mês de Maria*. Porto, Campo das Letras, 1997).

## *Rio das Flores*

Miguel Sousa Tavares

Romance da moderna ficção portuguesa.

Personagens: Diogo e Pedro Flores (irmãos);

Cenário: Portugal (Alentejo); Brasil (Rio de Janeiro e Vale do Paraíba do Sul);

Época: 1926 (entrada de Salazar no cenário político português) até 1945 (fim da Segunda Guerra Mundial).

O romance mistura enredo ficcional (a família Flores, latifundiária do Alentejo) com o regime político instalado em Portugal por Salazar; também a revolução espanhola, o nazismo e o fascismo na Alemanha e Itália, o Estado Novo com Getúlio no Brasil.

A trama ficcional, na verdade, serve de pretexto para uma discussão social e política (Diogo e Pedro em posições opostas) e uma análise do cenário político português e europeu, em que o narrador deixa claro o posicionamento do autor.



Curiosamente os personagens Diogo e Pedro em sua estrutura lembram Daniel e Pedro em *As Pupilas do Senhor Reitor*, também Esaú e Jacó em obra de Machado de Assis.

Diogo é um intelectual idealista; Pedro é elemento da terra, realista, enquadra-se dentro do mundo real.

*“Olha Diogo, (...) penso que tens razão, em teoria: o ideal seria vivermos sempre num país civilizado, como a Inglaterra, onde toda a gente tivesse uma opinião abalizada e respeitável sobre os assuntos de que fala. Mas isto é Portugal, meu querido mano: aqui falam todos e ninguém se entende, porque a República deu a todos o sagrado direito constitucional à asneira. Mas, como bem sabemos, vozes de burro não chegam ao céu e não acrescentam nada aos males da terra – só os agravam. Como dizia o nosso pai, nenhum país progride se as elites não assumem o poder. E, se não o assumem porque aquilo a que tu chamas democracia faz com que as elites sejam esmagadas pelos ignorantes ou pelos invejosos, então há alturas em que o único caminho é o da força. O da ditadura, justamente. Eu acho que este é um desses momentos. Prefiro ver Portugal restaurado em ditadura do que destruído em democracia”* (p. 76).

(TAVARES, Miguel Sousa. *Rio das Flores*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008).

## *Balada da Praia dos Cães*

José Cardoso Pires

Romance do gênero policial que tem por assunto a “Dissertação sobre um crime” (folha de rosto).

O crime ocorreu de fato em 1960, vindo a público como crime político. Foi citado por Filipe Ribeiro de Meneses em *Biografia Definitiva de Salazar\**, p. 655, como “assassinato do Guincho”.

O romance é bem estruturado e escrito com linguagem equilibrada e adequada ao estilo. Admira que o autor, sendo de “formação marxista” e “tenaz adversário do fascismo” (O autor e sua Obra, 231), não se tenha deixado tentar pelo sectarismo político antissalazarista. Há quase que um equilíbrio sereno e imparcial ainda que aqui e ali uns traços de menoscabo, sobretudo com a figura de Américo Tomás, presidente da República. Com Salazar tem-se referências a retratos em repartições como a “grande sombra do regime”. Até mesmo com os órgãos de defesa do regime, Pide e outros, não se tem o tratamento feroz que se encontra em muitos dos autores antissalazaristas. Tem-se, é interessante notar, inusitado tratamento cortês e até respeitoso pelos presos políticos.

\* *Salazar: Biografia Definitiva*, de Filipe Ribeiro de Meneses, trad. de Teresa Casal, São Paulo, Leya, 2011.

(PIRES, José Cardoso. *Balada da Praia dos Cães*: Dissertação sobre um crime. São Paulo, Círculo do Livro, s/d).

## *Caim*

José Saramago

Enquanto em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, o autor faz uma digressão poética pelo Novo Testamento, na presente obra faz de Caim um viajante sem barreiras de tempo e que, montado num burro, sai do Éden, expulso, e vai até o dilúvio de Noé.

Ele, Caim, que tem o sinal, também tem o topete de andar às turras com o Senhor. Com Ele discorda em quase tudo, porque, descobre, o Senhor é traiçoeiro, falso, vilão, vingativo.

Caim viaja e faz-se presente nos episódios bíblicos, observa e julga, irônico, mordaz. Assim, no episódio de Sodoma e Gomorra, em que os homens passam a preferir homens às mulheres, Deus, vingativo, manda enxofre e mata tudo e todos e não exclui as crianças. No episódio de Lot e suas duas filhas, o vinho é mera desculpa a despistar o incesto. No episódio do bezerro de ouro, Moisés deixa-se tomar pela fúria, porque sua autoridade de legislador é contestada, e quebra e mata. No episódio de Job, o Senhor entra em conluio com Satã, só para ter a vaidade de saber que é obedecido, e Satã não deixa por menos, põe Job na miséria, mata-lhe os escravos e filhos e cobre-lhe o corpo de pústulas. Ainda na vaidade de ser obedecido, leva um pai a sacrificar o próprio filho: episódio de Jacob e Isaac.

Por fim, Caim chega à arca de Noé. Na arca, Noé, por ordem do Senhor, havia colocado todos os bichos aos pares, e a gigantesca barca vira depósito de toneladas de merda.

E na merda se perde Noé, mulher, filhos e noras, e tudo volta ao que era antes, e, assim, prossegue a pobre humanidade de Caim.

(SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009)

## *O Desejado*

Aydano Roriz

*H*istória romanceada de D. Sebastião, rei de Portugal. O autor constrói uma boa imagem do jovem-rei.

Ainda estava no útero materno, quando ficou órfão do pai, João Manuel, último dos sete filhos homens de D. João III. Desejado, porque o menino, rei aos três anos, era a esperança de o reino não cair, por herança, nas mãos do rei espanhol, fato que mais tarde aconteceu.

Na construção do personagem tem-se um perfil complexo: orgulhoso de sua ascendência, voluntarioso, audaz, temerário, ávido de glória, mas inexperiente, imprudente.

Duas afirmações ficcionais, sem comprovação documental e que a história não confirma:

D. Sebastião nasceu hermafrodito. Em tempos idos o indivíduo com esta característica era tido como privilegiado pelos deuses, predestinado.

Filipe II, que posteriormente viria a ser também rei de Portugal como Filipe I, teria conseguido resgatar o corpo de D. Sebastião, trazendo-o para a Espanha.

(RORIZ, Aydano. *O Desejado*. São Paulo, Ediouro, 2002)

## *O Último Cabalista de Lisboa*

Richard C. Zimler

Curiosa obra deste autor americano que desde 1990 mora na cidade do Porto, onde dá aulas na Escola Superior de Jornalismo (orelha).

Narrativa contundente da perseguição religiosa aos judeus na cidade de Lisboa no ano de 1506. Lamentável fato

histórico, em que, instigados pelos padres dominicanos, populares, na ausência do poder público (o rei estava ausente da cidade), perseguem e matam cerca de 2 mil cristãos-novos, muitos queimados em fogueira no Largo do Rossio.

Paralelamente, misterioso crime abala o pequeno círculo de iniciados da Cabala, que, secretamente, copiavam, iluminavam e contrabandeavam importantes manuscritos hebraicos.

Berequias Zarco (o último cabalista) é o narrador. Berequias depara-se com misterioso crime em que perde a vida seu tio Abrão Zarco\*, conhecido cabalista, mestre da Tora e da Cabala. Impõe-se a si mesmo a investigação, para encontrar respostas a questões básicas do crime que o deixaram intrigado: “quem teve a coragem de assassinar seu tio e mestre (...)? Quem é a jovem que morreu nua a seu lado? Que revelações estariam contidas no manuscrito do tio, que desapareceu junto com o assassino?” (orelha).

\* Referência a Abraão Zacuto, o astrônomo do rei (astrônomo e historiador judeu na corte de D. João II), p. 44.

(ZIMLER, Richard C. *O Último Cabalista de Lisboa*. Trad. de José Lima, São Paulo, Companhia das Letras, 5ª reimpressão 2001).

## *Ensaio sobre a Cegueira*

José Saramago

Tal como um alquimista, o autor coloca num manicômio abandonado 200 indivíduos, e põe-se, e com ele o leitor, a observar o que resulta da convivência forçada a que são submetidos em condição limite para a sobrevivência. Estão cegos!

Observe-se, então. Lá dentro há um olho que vê, o olho da mulher do médico que, por astúcia, acompanhou o marido.

Entrou o primeiro grupo: o médico, a mulher do médico (a que vê), o primeiro cego, o ladrão do carro, a rapariga dos óculos escuros, o garotinho estrábico. Vão agora em fila, cada qual com a mão no ombro do da frente, a procurar a retrete. Aí o ladrão do carro, que lá fora já não obedecia a regras, faz-se atrevido com a rapariga dos óculos escuros que lhe está à frente e leva um coice na coxa. Abre-se uma ferida, gangrena e morre. É a primeira baixa. Mas antes um resto de civilidade: *“Peço-lhe perdão, a culpa foi toda minha, não era preciso fazer o que fiz, Deixe lá, respondeu o homem, são coisas que acontecem na vida, eu também fiz o que não devia ser feito”* (p. 69).

Com as camaratas lotadas, tem-se a disputa pela comida. Na terceira camarata alguém tem uma pistola e resolve dar ordens: *“a partir de hoje quem quiser comer terá de pagar”* (p. 133). Manda quem pode, quem não pode se sacode. Os cegos malvados exigiram mais: *“Tragam-nos mulheres”* (p. 160).

A mulher do médico descobre que tem uma tesoura. Arma-se e... *“Não chegarás a gozar (...) e fez descer violentamente o braço. A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego”* (o da pistola, p. 179).

Os desatinos são muitos, e muitos desatinos levam à loucura. A loucura, na posse de um isqueiro, põe fogo nos colchões, e eis o manicômio em chamas! Da primeira camarata um grupo, que vinha coeso e solidário, salva-se e consegue chegar à rua. O manicômio, observa-se, é agora toda a cidade: um caos podre, fétido, muitos mortos e poucos vivos.

São sete, número perfeito, mágico, místico, pronto para ressurreição. A mulher do médico (a que vê), a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico, a mulher do primeiro cego, o primeiro cego, o médico (nesta ordem), em fila adentram-se pela cidade.

Têm fome, não há comida; Estão sujos, não há água; Lugar para descansar, está difícil: *“uma enorme limusina foi mesmo transformada em residência permanente, provavelmente por ser mais fácil regressar a um carro do que a uma casa”* (p. 243).

A mulher do médico passa por um delíquio. Precisa recuperar forças. Entram numa igreja. Recupera-se e olha e *“naquele mesmo instante pensou que tinha enlouquecido, ou que desaparecida a vertigem ficara a sofrer de alucinações”*. Que vê ela? *“todas as imagens da igreja estão com os olhos vendados”* (pp. 290/91).

Enfim, está a terminar o “ensaio”. Depois do observado é melhor que se dê fim à história. Então, sem que nada de melhor se esperasse, um hosana nas alturas: Vejo! Foi o grito do que primeiro havia cegado. Depois um segundo grito, um terceiro... um *fiat lux* contínuo.

*“Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem”* (última página).

E o *cão das lágrimas*? O cão das lágrimas, fiel, solidário, correto, decente, fica para uma outra leitura.

À MARGEM: A obra é um mundo de significados em aberto. *Cegueira branca!* Estranha metáfora! Por exemplo, na esfera política, veja-se o totalitarismo na Europa do século XX. Hitler a submeter toda uma nação à ótica nazista. Stalin, Mussolini! Na esfera religiosa (mundo ocidental), as religiões mosaicas: a judaica, a cristã, a maometana, cada qual com foco exclusivo! Por séculos uma não tinha olhos para a outra, ainda que aparentadas! As seitas, Jim Jones, 900 pessoas ao suicídio!

Acena-se com “édens” enganosos; ilude-se com “aléns” que não existem!

(SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. Portugal Leya, s/d).

